



## CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS

### NOTA EM HOMENAGEM A ROGÉLIO CASADO

Dia 18 de maio marca o “Dia da Luta Antimanicomial”, e o Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH) aproveita a data para prestar homenagem póstuma a uma das lideranças do Movimento da Luta Antimanicomial do Amazonas e do Brasil, Rogélio Casado Marinho Filho, que desde 17 de maio 2016 - coincidentemente, véspera da referida data -, não está mais entre nós.

Homenagear Rogélio Casado em um período de pandemia da covid-19 em que precisamos estar reclusos em nossas casas, mas, principalmente, em um contexto de retirada de direitos e inúmeros retrocessos na Luta Antimanicomial, é lembrar a importância de conhecer quem está na própria história desta luta.

Nascido em 6 de janeiro de 1953 em Manaus (AM), Rogelio Casado estudou medicina na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) na década de 1970 e fez residência médica em psiquiatria na Associação Pró-Reintegração Social da Criança e no Instituto de Psiquiatria Social de Diadema, São Paulo. A sua especialidade o fez entrar na militância pela luta antimanicomial. Ao regressar a seu estado natal, Casado ganhou notoriedade levantando a bandeira em defesa dos direitos de cidadania das pessoas com transtornos mentais, baseado nos princípios da Luta Antimanicomial.

Nos anos 1980, Rogélio se junta a outros ativistas, denunciando a violência com que eram tratados os usuários do Hospital Colônia Eduardo Ribeiro, o que também contribuiu, neste período, para implementar a Reforma Psiquiátrica no Amazonas.

Segundo o jornalista Mário Adolfo, que conhecia Rogélio Casado, o “Caso”, como também era conhecido aos mais íntimos, chegou a fazer greve de fome, em 1987, para chamar atenção da sociedade sobre os retrocessos no campo da saúde mental. O jornalista destacou ainda que “Caso” era um apaixonado por fotografia e usava essa arte para fazer registros e denúncias sobre os problemas sociais e políticos da cidade, lembrando ainda da participação de Casado como um dos fundadores da Banda Independente da Confraria do Armando (Bica).

Rogelio Casado também deu sua contribuição ao ensino acadêmico, chegando a atuar como pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no período de 2007 a 2010. Ele também coordenou, por cerca de 10 anos, o projeto ‘Nós & Voz’, criado em 2009 pela UEA, em parceria com Associação Chico Inácio, cujo objetivo era “promover a inclusão de pessoas portadoras de sofrimento mental, por meio de atividades de qualificação profissional, cultura e geração de renda”.

Rogélio, homem plural, também se aventurou pelo audiovisual produzindo e dirigindo um documentário - “Balbina, no país da impunidade” (1989), que ele mesmo definiu como um “vídeo urgência”, pelas condições precárias em que foi produzido. O documentário denuncia a violência sofrida pelos indígenas e ribeirinhos das cabeceiras do rio Uatumã durante a construção da hidrelétrica de Balbina, obra faraônica da ditadura militar inaugurada 1989, e que hoje apresenta a pior relação entre extensão do alagamento e energia produzida. Já naquela época Casado demonstra estar antenado com as questões socioambientais.

Desta forma, em um período que não podemos ganhar as ruas para prosseguirmos combatendo os retrocessos que diariamente tentam impor à Luta Antimanicomial, a melhor forma para defendermos o legado e a memória de Rogélio Casado é usarmos esse período de reclusão para refletirmos sobre os desafios e traçarmos as estratégias, mas também redobrar nosso ativismo nas redes sociais para a Luta Antimanicomial ser ainda maior e o movimento continuar ainda mais vivo.

**ROGÉLIO VIVE!!**

Brasília, 18 de maio de 2020.

Conselho Nacional dos Direitos Humanos